



ATRAVESSAMENTOS DA POLÍTICA NO CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

*Maria Lourdes Silva**
Anna Helena Carvalho Feliciano
Josiane Cristine Nunes de Lima

RESUMO

O presente trabalho relata as experiências vividas no curso de extensão universitária, intitulado "Audiovisualidades e Formação de Professores: leitura e produção", realizado em parceria com a SEEDUC/RJ, em 2016. Nele, foram trabalhados diversos temas atuais e importantes à prática docente por meio das audiovisualidades. O curso foi montado para proporcionar problematização dos usos do audiovisual nos espaços escolares, tendo como ponto de partida uma reflexão sobre temas caros à escola, como relações étnico-raciais, drogas, gênero, comunicação, entre outros. O objetivo era promover meios de elaborar e usar recursos audiovisuais na sala de aula, a partir das diferentes tecnologias disponíveis aos docentes e discentes, seja celular, tablet, máquina fotográfica, papel e caneta, etc. ancorados em questões da realidade social. A proposta era explorar apropriações político-ideológicas de diversas tecnologias, refletir sobre seus usos e promover trocas de saberes. Como resultado, ressaltamos a importância de considerar o papel do momento político à época, interferindo e alterando a proposta do curso, desde sua localização ao número de concluintes, e impactando no formato do mesmo. Tal demonstração do imbricamento entre realidade social e projeto escolar ressalta a importância da extensão que, ao ligar academia e sociedade, realiza o propósito de integrar à vivência dos professores às teorias acadêmicas.

Palavras-chave: Audiovisualidades. Curso de extensão. Educação. Formação de professores.

THE INTERSECTIONS OF POLITICS IN A UNIVERSITY EXTENSION COURSE

ABSTRACT

The present work reports the experiences of a university extension course entitled "Audiovisuals and Teacher Training: Reading and Production", undertaken in 2016 in partnership with SEEDUC/RJ. Several current and important topics were addressed concerning the practice of employing audiovisual aids in teaching. The course was designed to problematize the uses of audiovisual techniques in school spaces, taking as a starting point a reflection on topics difficult for the school, such as ethnic-racial relations, drugs, gender, and communication, among others. The goal was to promote ways to develop and use audiovisual resources in the classroom, based on the different

* Doutorado em História Política (UERJ). Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ. Contato: lullua2@yahoo.com.br.

technologies available to teachers and students, whether cell phone, tablet, camera, paper and pen, etc., anchored on issues of social reality. The proposal was to explore political-ideological appropriations of different technologies, reflect on their uses, and promote exchange of knowledge. As a result, we emphasize the importance of considering the role of the current political condition in affecting and changing the proposed course, ranging from its location to the number of graduates and the course format. This demonstration of the interweaving between social reality and school highlights the importance of extension work, which, by involving academic institutions and wider society, can achieve the goal of linking the experience of teachers to academic theories.

Keywords: Audiovisuals. Extension course. Education. Teacher training.

CRUCES DE POLÍTICAS EN EL CURSO DE EXTENSIÓN UNIVERSITÁRIA

RESUMEN

El presente trabajo relata las experiencias vividas en el curso de extensión universitaria titulado “Audiovisualidades y Formación de Profesores: lectura y producción”, realizado en asociación con la SEEDUC/RJ, en 2016. En esto, se trabajaron diversos temas actuales e importantes a la práctica docente a través de las audiovisuales. Se construyó el curso para proporcionar la problematización de los usos del audiovisual en espacios escolares, teniendo como punto de partida una reflexión sobre temas tabús en la escuela, como las relaciones étnico-raciales, drogas, género, comunicación, entre otros. El objetivo era promover formas de elaboración y uso de los recursos audiovisuales en el aula, a partir de las diferentes tecnologías disponibles a los docentes y discentes, sea móvil, tableta, máquina fotográfica, hoja de papel y bolígrafo, etc. anclados en cuestiones de la realidad social. La propuesta era explotar apropiaciones político-ideológicas de diversas tecnologías, reflexionar sobre sus usos y promover el intercambio de conocimientos. Como resultado, resaltamos la importancia de que se considere el momento político de la época, interfiriendo y alterando la propuesta del curso, desde su ubicación a la cantidad de concluyentes, e impactando en el formato del mismo. Dicha demostración del imbricado entre realidad social y proyecto escolar resalta la importancia de la extensión que, al conectar la academia y la sociedad, realiza el propósito de integrar a la vivencia de los profesores a las teorías académicas.

Palabras clave: Audiovisualidades. Curso de extensión. Educación. Formación de profesores.

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1960 se discute a importância de a educação problematizar o papel dos meios de comunicação de massa na formação do cidadão, sendo indicado a constituição de um campo da ação educativa para estudantes e para a formação de professores ([CORTES, MARTINS, SOUZA, 2018](#)) para tratar dessa questão. Acordos

internacionais¹ consideraram a importância da inclusão desses debates, abrangendo a necessidade de abordagens crítico-reflexivas sobre as tecnologias da informação, seus impactos na formação humana contemporânea ([BÉVORT, BELLONI, 2009](#)) e de a escola assumir um papel na capacitação da sociedade para compreender e defender-se das práticas persuasivas dos discursos midiáticos. Como dizem as autoras citadas, “a ideia de que não pode haver cidadania sem apropriação crítica e criativa, por todos os cidadãos, das mídias que o progresso técnico coloca à disposição da sociedade” ([BÉVORT, BELLONI, 2009, p. 1082](#)).

Entende-se, assim, que, na formação do cidadão para a autonomia, a escola não pode prescindir da capacitação deste campo de problematizações para compreender os modos de ação das mídias e Tecnologias de Comunicação e Informação-TIC e suas implicações na vida cotidiana das populações. Para tanto, essa reflexão deve constar dos processos de formação dos profissionais da educação. No Brasil, os debates caminharam orientados por dois conceitos-chave: mídia-educação e educomunicação.

No campo da educomunicação, o desenvolvimento de suas ações se faria, segundo o professor [Ismar de Oliveira Soares \(2013\)](#), tomando por base algumas frentes de atuação, entre as quais, destacamos: a gestão dos processos e recursos da comunicação nos espaços educativos; a educação para a comunicação; a mediação tecnológica nos espaços educativos e; a reflexão epistemológica ([SOARES, 2013, p. 86-87](#)). Para o professor, a educomunicação:

Trata essencialmente de implementar paradigmas sobre como ler o mundo e conviver com os que nele habitam e o transformam a partir da ótica da liberdade universal de expressão aplicada especialmente aos espaços educativos. ([SOARES, 2013, p. 187](#)).

Não vamos aqui entrar nos debates que diferenciam os conceitos de educomunicação e mídia-educação, pois convém citar o que o referido professor salienta em outro trabalho: “a mídia-educação tem como conceito chave a mídia, enquanto a educomunicação centra sua atenção nos processos comunicativos. Tais especificações não têm impedido uma mútua colaboração entre os promotores dos dois conceitos” ([SOARES, 2018, p. 12-13](#)). O mais importante aqui é destacar o caráter epistêmico da educomunicação, já que, como pontua o professor, “o próprio esforço de repensar a relação comunicação-educação revela-se como um importante campo de atuação, denominado como a área da reflexão epistemológica, envolvendo um crescente número de especialistas” ([SOARES, 2018, p. 12-13](#)).

De todos os potenciais da mídia-educação e da educomunicação nos interessa discutir aqui as audiovisualidades e seus potenciais de ação formadora sobre a sociedade. Desse modo, nos atemos aos modos como a escola tem abordado a questão,

NOTAS

¹ - Nos anos 1960, A UNESCO e outras agências internacionais chamaram atenção para o poder educativos dos meios de comunicação de massa. Na década seguinte, essas agências apresentaram os conceitos de mídiameducação no âmbito da América Latina. Na década de 1970, destacamos os investimentos da UNESCO em aproximar os campos da Educação e da Comunicação nos debates sobre o desenvolvimento na América Latina. No início dos anos 1980, a Declaração de Grúwald (1982) 19 países concordam sobre a importância de os sistemas educacionais abordarem a influência das mídias na sociedade a fim de promover a formação de cidadãos emancipados frente esses fenômenos ([CORTES, MARTINS, SOUZA, 2018](#)).

sobretudo nesses tempos de sobrecarga de interferência imagética e de vida virtual. O conceito de audiovisual abarca a junção da produção de imagem e som ou imagem em movimento sonorizada (cinema, vídeo, televisão) potencializados com o crescimento das atividades virtualizadas. No curso oferecido, trabalhamos também com o fracionamento do conceito (áudio e visual), o que nos permitiu explorar, além da linguagem acima mencionada, a música, a pintura, o desenho, a charge, a fotografia etc. isoladamente ou embutidos na linguagem audiovisual.

Não há como pensar a universidade pública brasileira sem pensar o papel social da extensão. O que hoje chamamos de extensão universitária é parte constitutiva de um debate, existente há décadas, sobre os modos como a universidade se relaciona com a sociedade, nela interfere e por ela é influenciada. Hoje investimos para assegurar proximidade entre a sociedade e o espaço acadêmico, como uma forma de asseverar que os conhecimentos criados neste último possam chegar àquela por meio de atividades e ações retroalimentadas pela interação entre saberes acadêmico-popular, cuja função é a de contribuir para a melhoria das condições de vida da comunidade/sociedade. Sendo tal empreendimento parte fundamental do processo formativo discente, ele implica compreensão de que o conhecimento seja, necessariamente, forjado no trânsito dialético sociedade-universidade. A realidade social se impõe às condições de sistematicidade do saber, construído no âmbito da academia e da sociedade de maneira a promover a integração de ambas as instâncias. Nós estamos seguindo a proposta constitucional da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 1996. A LDB “estabelece a Extensão Universitária como uma das finalidades da Universidade”². Também seguimos, no que diz respeito à formação de professores, a Resolução Nº 2, de 01 de julho de 2015, a qual “Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada”, e que, nos parágrafos 1 e 2 do seu artigo 1º, institui:

§ 1º Nos termos do § 1º do artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as instituições formadoras em articulação com os sistemas de ensino, em regime de colaboração, deverão promover, de maneira articulada, a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério para viabilizar o atendimento às suas especificidades nas diferentes etapas e modalidades de educação básica, observando as normas específicas definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

§ 2º As instituições de ensino superior devem conceber a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica na perspectiva do atendimento às políticas públicas de educação, às Diretrizes Curriculares Nacionais, ao padrão de qualidade e ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), manifestando organicidade entre o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), seu Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) como expressão de uma política articulada à educação básica, suas políticas e diretrizes ([BRASIL, 2015, p. 03](#)).

A reafirmação das diretrizes da referida resolução é fundamental à legitimação da função da universidade pública no Brasil. [Lígia Márcia Martins \(2011\)](#), em seu trabalho *Ensino-Pesquisa-Extensão como Fundamento Metodológico da Construção de Conhecimento da Universidade*, reitera a defesa da indissociabilidade da relação ensino-

² - Política Nacional de Extensão Universitária, 2012, p. 15-16.

pesquisa-extensão enquanto função intrínseca às atividades das universidades. Segundo ela, o processo de formação dos indivíduos implica tanto a formação profissional quanto a formação ampla, graças ao que denomina “caráter prático³ da educação” ([MARTINS, 2012, p. 03](#)). As instâncias de ensino-pesquisa-extensão não podem funcionar separadamente por tratarem-se de “fator[es] estratégico[s] do desenvolvimento social” ([MARTINS, 2012, p. 03](#)). O ensino e a pesquisa na universidade, se dissociados da realidade social, ou quando não alimentados deliberadamente pela dinâmica relacional que os enlaça irrefutavelmente, no caso de não fazer retornar à sociedade os conhecimentos produzidos e nela intervir, se exigem de cumprir o compromisso político de interceder no desenvolvimento qualificado da sociedade. Adverte a autora:

Consideramos que um dos maiores entraves para a concretização desta indissociabilidade resida na visão dicotômica, taylorista, dos processos nela envolvidos, pela qual ensino, pesquisa e extensão convertem-se em atividades em si mesmas, dotadas inclusive, de distintos status acadêmicos. Enquanto não for afirmada teórica e praticamente a organicidade desses processos como fundamento metodológico do ensino superior, pouco avançaremos na direção de reais transformações neste nível educacional ([MARTINS, 2012, p. 1](#)).

O Plano Nacional de Extensão Universitária, elaborado ao longo de mais de três décadas, luta ainda hoje para tornar efetivas as propostas que dão organicidade às relações da universidade com a sociedade. Entre as propostas desse plano, nós destacamos as que se seguem:

- Contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País;
- Conferir maior unidade aos programas temáticos que se desenvolvem no âmbito das Universidades Públicas brasileiras;
- Estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade;
- Criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas;
- Possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos, permitindo a ampliação do acesso ao saber e o desenvolvimento tecnológico e social do País;
- Priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais (por exemplo, habitação, produção de alimentos, geração de emprego, redistribuição de renda), relacionadas com as áreas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho; ([FORPROEX, 2012, p. 5](#)).

Além disso, a formação inicial e continuada dos profissionais da educação básica é considerada parte da responsabilidade da universidade, em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, também pelos Planos Nacionais de Educação dos decênios de 2001-2010 e 2014-2024. E ainda o Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020, propõe, entre suas estratégias, a inserção da extensão nos cursos de graduação.

³ - Termo derivado do conceito de práxis, da teoria marxista. Na práxis, teoria e prática se reúnem para compor uma atividade humana transformadora da sociedade.

Neste sentido, o curso em pauta associava, para os professores da Faculdade de Educação da Universidade do estado do Rio de Janeiro – UERJ, pesquisa de campo e reflexão teórica, através da atividade teórico-prática na extensão. Para os professores da SEEDUC, se concretizava um espaço de formação continuada, viabilizado pela Superintendência de Desenvolvimento de Pessoas-SUPDP da SEEDUC; para os professores da UERJ tratava-se de espaço reflexivo-formativo com impactos nos seus respectivos campos de investigação.

Orientado por essas questões, o projeto de extensão “Cinema e História da Educação nos Cursos de Formação de Professores de Nível”, ponto de partida do curso em pauta e relativo à produção de um documentário realizado a partir de um ciclo de palestras sobre história da educação, em parceria com dois integrantes do seu grupo de pesquisa. Em 2015, este projeto desdobrou-se e deu origem ao curso “Audiovisualidades e Formação de Professores: leitura e produção”, realizado em parceria com a Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro – SEEDUC-RJ – e o Museu da República. Nesta parceria tivemos o engajamento dos professores da UERJ, bem como a efetiva participação de professores e profissionais da educação da SEEDUC-RJ e do Museu da República.

O CURSO DE EXTENSÃO EM 2016: ATIPIAS EMBLEMÁTICAS.

O curso em pauta propôs articular estratégias de interpretação e produção de linguagens imagéticas, com o fim de produzir conhecimentos acerca da temática. A finalidade era promover o intercâmbio entre diferentes espaços escolares, estreitando o diálogo entre ensino básico e superior, necessário à concretização da atividade extensionista e à reafirmação dessa política universitária. Em causa, estava não somente uma estratégia de ensino-aprendizagem que coadunava teoria e prática, como também a produção do conhecimento pautado pela prática social.

O projeto possuía quatro objetivos centrais. Primeiro, preparar docentes da rede estadual e futuros docentes dos cursos de formação de professores de nível médio, para o exercício crítico-analítico do material audiovisual em trânsito no momento, tanto aqueles dirigidos às massas quanto os dirigidos aos pequenos círculos de consumidores especializados e diversificados⁴; segundo, instrumentalizá-los para a produção e execução de produtos audiovisuais, com finalidades pedagógico-didáticas, lúdicas e de entretenimentos, conduzindo-os à compreensão das especificidades e complexidades da linguagem imagética, de modo que possam desenvolver produtos audiovisuais com seus alunos e deflagrar nesses, desde tenra idade, senso crítico relativo à força da imagem na nossa sociedade e ao papel dos meios de comunicação, capacitando-os a reconhecer as etapas de confecção das narrativas imagéticas, assim como as intenções e os interesses ali implicados. A finalidade era incentivar a pesquisa que norteia todo o trabalho didático-pedagógico dos objetivos anteriores, através da investigação dos processos constituintes das cadeias narrativas presentes nas associações discursivas dos docentes e futuros

⁴ - A indústria de bens culturais promove circulação eficiente de seus produtos, na medida em que estes perfazem circuitos pré-definidos, ajustados aos interesses e às condições socioeconômicas dos consumidores. Isso gera acessos desiguais aos diferentes produtos culturais, conforme estejam tanto mais ou menos ajustados aos diferentes grupos sociais. A título de exemplo, podemos dizer que o cinema blockbuster estará mais acessível e em circulação nas mídias de maior alcance, como televisão aberta ou canais populares da televisão paga. Ao passo que outros filmes somente circularão em canais exclusivos disponíveis para um pequeno grupo da sociedade.

docentes com o fim de compreender o universo de significação acessado por eles, observando as cadeias associativas elaboradas, desnaturalizando os processos das construções narrativas (BAKHTIN, 1988). Entendemos a vinculação, conforme os objetivos propostos, como necessária entre as ações de extensão, ensino e pesquisa, pois a universidade somente cumpre seu papel de produtora e divulgadora de conhecimento quando consegue imiscuir-se à sociedade para pensar-se enquanto parte desta, através da interação dialética com esta, o que implica em ação autorreflexiva constante.

O curso propôs potencializar os usos das tecnologias midiáticas com capacidade para elaboração de imagens em movimento ou não, acessíveis à grande maioria da população, como celulares e tablets, a partir da atualização dos debates acadêmicos sobre temas candentes da atualidade, tais como questões de gênero, étnico-raciais, concepções sobre a escola e seus currículos, direitos da criança e o direito à educação, educomunicação, políticas de drogas no espaço escolar. A premissa era tomar as audiovisuais como disparadores pedagógicos para problematizar processos formativos em suas múltiplas significações, modulando, nesta reflexão, as dinâmicas de produção do mercado com as formas de resistência, tal como podem ser entendidas as formas de participação engendradas pela multidão de produtores de audiovisuais, ao redefinirem significados para os elementos envolvidos nos processos de produção destas. A proposta era estender essa reflexão aos alunos, tanto da rede da SEEDUC-Rio quanto da Faculdade de Educação da UERJ Maracanã e da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF-UERJ. Nesse aspecto, somente conseguimos adesão dos alunos da Faculdade de Educação da UERJ Maracanã. A distância foi decisiva para a não adesão dos alunos da FEBF.

Inicialmente, o curso havia sido pensado com um total de 7 módulos, cada um deles contendo 3 ou 4 encontros, os quais permitiriam circular entre o exercício de reflexão crítica sobre os temas e sobre suas presenças e tratamentos nas audiovisuais. Entretanto, em função dos problemas⁵ vividos pelo estado do Rio de Janeiro, tivemos que reestruturar, ficando do modo como segue:

- I – A Linguagem imagética e seus potenciais pedagógicos: memória, tradição e mudança;
- II – Mediando com arte: técnicas e tecnologias motivadoras (A linguagem das tecnologias);
- III – Práticas Pedagógicas Educomunicativas e Diversidade Étnico-racial;
- IV - Fuxico: Trocas Culturais entre o Brasil e a África;
- V - Técnicas de Produção de Imagens em Movimento;
- VI – Convivência e tabu das drogas nos espaços escolares: interseções entre o público e o privado;
- VII – Formação sócio-emocional em tempos difíceis: *bullings*, ações solidárias e as misérias do espaço escolar;

⁵ - No período da realização do curso, naquele ano de 2016, os colégios da rede estadual de educação do Rio de Janeiro estavam paralisados em função das ocupações estudantis. Foi um período de intensas e acaloradas discussões entre os professores cursistas. Todos os professores cursistas estavam muito preocupados com os rumos desses eventos e acompanhavam de perto a situação. Essa questão, em particular, aliada às intervenções do governo estadual atravessaram todo o curso e constituem o atravessamento político por excelência a estabelecer interlocução com todos os envolvidos neste curso.

- VIII – Discursos sobre a escola: conversas entre o cinema e os cotidianos vividos por cada praticante dos espaços escolares;
IX – A função socioeducativa do Museu da República.

Em função de atrasos de múltipla ordem, acabamos promovendo um curso piloto, com apenas um encontro para cada módulo, acarretando o não aprofundamento dos temas e nem das técnicas audiovisuais. As peças audiovisuais (filmes, pinturas, fotografias, propagandas, etc.), selecionadas inicialmente como disparadoras das discussões em cada módulo, foram, em sua quase totalidade, substituídas ou tratadas com brevidade. O maior espaço dos encontros acabou sendo tomado pelas discussões temáticas.

O curso foi realizado nas dependências do Museu da República e acabou tendo carga horária total de 40 horas, sendo oferecido para os professores e gestores da rede estadual de ensino e demais alunos do curso de Pedagogia da UERJ. As aulas aconteceram em sábados intercalados, entre os dias 04 de junho e 17 de outubro de 2016, das 08:30 h às 13:30 h. Se inscreveram no site da SEEDUC-RJ um total de 120 professores para fazer o curso, mas, tivemos apenas 25 alunos já na primeira aula e um total de 33, entre alunos da UERJ e professores da rede. As peculiaridades do ano de 2016 agregaram dificuldades extras à SEEDUC e aos seus professores cursistas que, aliadas à agudização das dificuldades pelas quais passava a UERJ⁶ e às características do curso, modificaram sensivelmente o formato e os resultados alcançados pelo curso.

O curso seria oferecido inicialmente na Escola de Aperfeiçoamento dos Servidores de Educação do Estado do Rio de Janeiro, mas em função das ocupações das escolas do estado pelos estudantes secundaristas, ocorridas naquele ano, o curso foi transferido para o Museu da República. Essa alteração modificou o local de realização do curso, inicialmente pensado para ocorrer numa sala multimídia. As implicações da substituição do espaço físico do curso foram positivas e negativas. Entre as primeiras podemos citar o ganho representado pela ambiência do Museu da República com seus jardins amplos, que permitiram várias atividades práticas aos cursistas. Além disso, o curso ganhou um módulo extra, contrapartida exigida pelo anfitrião para acomodar as atividades previstas, oferecido pela museóloga da casa, no qual a função educativa do museu, em grande parte composto por material audiovisual, era apresentada aos alunos. Entretanto, o auditório disponibilizado para realização do curso engessava os encontros ao não permitir alteração da disposição das cadeiras e não possibilitar atividades em grupo. Também a arrumação diária dos computadores acabou sendo uma manobra adicional para os organizadores da SEEDUC-Rio, agregando uma precariedade inexistente na proposta primeira, visto as falhas no acesso à internet no Museu da República.

Um interessante aspecto do curso disse respeito à formação dos professores encarregados de oferecer o curso. O fio condutor do mesmo, ou seja, a crítica do material audiovisual, o compartilhamento de técnicas e procedimentos básicos da elaboração dos produtos imagéticos e dos recursos mínimos necessários para a produção desses

⁶ - A Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ passou em 2016 por uma profunda crise econômica e estrutural. O então governador do estado do Rio de Janeiro, Luís Fernando Pezão, decretou estado de calamidade pública no estado, o que aprofundou a política de asfixia econômica da instituição com o não repasse de verbas de custeio e manutenção. Todos os trabalhadores da instituição, assim como seus bolsistas e praticamente todo o funcionalismo do estado, ficaram sem receber salários por mais de cinco meses. A universidade reagiu à tentativa de desmonte, mas os efeitos daquele momento ainda reverberam até hoje.

materiais, estavam a cargo de um professor e um sociólogo, estudiosos das linguagens audiovisuais. Os demais professores dominavam seus temas de pesquisa, que associavam educação com relações étnico-raciais ou gênero, ou currículo, ou legislação, ou medicamentos e outras drogas, ou educomunicação. Entretanto, os temas das pesquisas de cada professor se sobrepuseram à proposta inicial, que passou a ser secundarizada ao longo do curso, ficando com apenas um módulo entre os oito oferecidos no projeto piloto.

Tal fato trouxe um elemento importante para a avaliação do curso. Além da busca por conhecimentos sobre os meios audiovisuais, os temas, por si mesmos, mobilizavam interesses e debates entre os professores cursistas. A despeito da distância que o curso adquirira da sua própria proposta inicial, a evasão foi considerada dentro das expectativas, comparativamente às experiências similares da SEEDUC-Rio, em que pese o fato de os professores serem impelidos a estarem na formação continuada e da secretaria ofertar diversos cursos.

O curso de extensão teve como eixo estruturante o uso da audiovisualidade como ferramenta pedagógico-didática, avançando para a saída da utilização de produtos audiovisuais prontos, a partir da problematização a linguagem dos processos de produção imagéticas e fílmicas, as intencionalidades e finalidades de tais produtos, assim como a construção identitária como processos móveis e em constante transformação ([HALL, 2006](#)). De aprimoramento e aproximação, a partir de temas como drogas, gênero e cultura. [Stuart Hall \(2006\)](#) sugere uma nova maneira de trabalharmos com a temática, percebendo que toda identidade é móvel e pode ser redirecionada, indicando a possibilidade de utilizarmos o termo identificação ou a expressão processo identitário para compreender de maneira mais significativa as representações que formam (e transformam) as culturas, os sujeitos e os espaços.

RESULTADOS DO CURSO PELOS CURSISTAS.

Buscando contemplar a diversidade e a transversalidade, o curso foi aplicado por professores da rede (SEEDUC), professores da UERJ/FEDEF e concluído com uma aula-apresentação do Museu da República. Cada docente explorou uma temática baseada em seus estudos e pesquisas acadêmicas. Constituiu-se, assim, um espaço de compartilhamento de conhecimentos e reflexões, cuja validação, críticas, contribuições e novos direcionamentos estavam sendo proporcionados por esses encontros ao efetivar a ponte entre ensino, extensão e pesquisa. Foi nessa instância que o objetivo central do curso se cumpriu, ao possibilitar aos professores (da SEEDUC e da UERJ) e futuros professores (alunos do curso de Pedagogia da UERJ) esse espaço de encontro e trocas, discussões e reflexões, construção e ao mesmo tempo divulgação de novos conhecimentos. Ainda que o curso não tenha cumprido a meta de transformar o professor em autor do material audiovisual que utiliza na sala de aula, esse foi capaz de potencializar o professor, tanto da SEEDUC quanto da UERJ, à desconstrução da narrativa audiovisual que lhe chega como produto acabado. Conseguiu fazer o professor configurar meios de trazer o aluno para colaborar na(s) narrativa(s) a ser(em) construída(s). Ao longo da realização dos módulos, avançamos para discussões que buscavam as evidências da existência de uma logística própria à produção da indústria midiática, editorial e audiovisual, que ia sendo explorada levando-se em conta diferentes problematizações, tais como as questões envolvidas nos procedimentos de construção da

verdade e da ficção; os limites entre a realidade e o arbitrário; a interferência da imagem na estruturação e na condução do pensamento; a diferença entre ver e apreender.

Toda essa discussão conceitual teve por finalidade suscitar questionamentos quanto aos processos de elaboração dos produtos audiovisuais, trazendo à tona interrogações que envolviam os procedimentos políticos e estéticos implicados na eleição das temáticas abordadas, nos mecanismos de edição/escrita, roteiro/montagem e divulgação dos produtos. Apoiada na leitura dos textos de apoio, os debates promovidos e, sobretudo, as atividades práticas desenvolvidas pelos professores cursistas envolvendo os recursos audiovisuais trabalhados (desde o mural da escola às selfies e vídeos publicados por seus alunos) compuseram o escopo da formação crítico-reflexiva do curso, onde todos contribuíram para os resultados alcançados.

Contudo, convém destacar o montante de leituras exigidas em cada módulo de modo que no curso se entrelaçaram as dimensões teórico-prática, tal como propõe a Resolução Nº 2, de 2015 (MEC et al), que define as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada”⁷. Para tanto, foi criado um blog⁸ para o curso onde ficaram disponíveis todos os textos utilizados nos encontros, tutoriais diversos sobre processos de edição de imagens com uso de diferentes softwares; registros dos encontros do grupo. Além disso, asseguramos que o curso deu sua contribuição no sentido de pôr em prática a primeira dentre as doze ações necessárias à consolidação de uma política extensionista às universidades, pactuadas na Carta de Manaus, de 2012, ao criar meios para a “Incorporação curricular definitiva das ações de extensão, reconhecendo seu potencial formativo e inserindo-as, de modo qualificado, no projeto pedagógico dos cursos” ([FORPROEX, 2012, p. 60](#)). Essa compreensão corrobora com as professoras Sandra de Deus e Regina Lucia Monteiro Henriques, autoras de texto já citado ([DEUS; HENRIQUE, 2017, p. 84](#)), quando afirmam que a universidade precisa “impregnar-se do sentido político e formativo da extensão; da compreensão sobre o quanto nossa maneira de ensinar deve levar em conta as demandas da sociedade; e sobre quando a distância entre a teoria que pregamos for igual a nossa prática no trato dos nossos interlocutores” ([DEUS; HENRIQUE, 2017, loc. cit.](#)). Foi essa orientação de interação dialógica que o curso buscou realizar.

Para concluir, e como medida de aferição do desempenho da ação extensionista, propusemos aos cursistas concluintes que nos encaminhassem, opcionalmente, uma avaliação da proposta, dos professores e de todo o processo. A seguir, passamos à exposição de alguns desses retornos e das sinalizações que nos permitiram investir na continuidade da ação extensionista, porém, com novo formato.

Ao final, solicitamos dos participantes breves considerações sobre suas experiências ao longo dos módulos apresentados. Dentre as declarações positivas, eles destacaram:

⁷ - Resolução Nº 2, de 01 de julho de 2015.

⁸ - Blog: <https://produzindoaudiovisualidades.wordpress.com/2016/04/08/audiovisualidades-e-formacao-de-professores-2/> e Página na rede social Facebook: <https://www.facebook.com/audiovisualidadesformacaodeprofessores2016/>. Esses recursos foram criados pelo professor Leonardo Nolasco (EDU/UERJ), membro da equipe do curso.

- O local (Museu da República) - Ambiente rico de significações e História, além de paisagem bucólica, um convite aos professores cursistas a ocupar este espaço público:

“O local foi ótimo, a estrutura ótima! O lanche delicioso!
Uma pena que acabou!” (VSC, cursista).

“O local e suporte dado pelos organizadores era bem apropriado, e os formadores procuravam construir alinhamentos dos respectivos temas, com nossa realidade em sala de aula” (VO, cursista).

- Valorização do trabalho do professor e aplicação diária do conteúdo em sua prática docente:

“Sei que o estado está em crise, mas seria ótimo aproveitar os guerreiros que fizeram até o fim [o curso] para reproduzir nas escolas... quando me inscrevi achei que teríamos a oportunidade de contribuir para a criação de audiovisuais em nossas comunidades escolares!” (MSOB, cursista).

O curso de Audiovisualidades e Formação de Professores, oferecido em parceria da UERJ junto à SEEDUC, contribuiu de forma extremamente significativa para a carreira deste docente, uma vez ter ofertado ferramentas úteis para seu trabalho em sala de aula. Ferramentas, de um turno, analíticas, [...] e, de outro turno, ferramentas práticas, posto que a maior sensibilidade aberta por uma nova veia crítica aprimora a capacidade de selecionar textos não-verbais ou mistos hábeis, ou mais hábeis, à formação crítica do próprio público alvo extensivo do curso: o aluno” (VSC, cursista).

- Promoção de interação e trocas entre professores da rede estadual, UERJ e futuros professores (alunos do curso de Pedagogia da UERJ):

“Extremamente gratificantes foram as aulas com atividades práticas com produção de nossos vídeos.
A possibilidade de conhecer pessoas da rede e construir novas amizades também é muito enriquecedora! Formamos até um grupo no *WhatsApp* (LP, cursista).

“O curso de Audiovisualidades e Formação de Professores foi interessante pela troca entre os participantes e pelos temas abordados” (CC, cursista).

- Motivação para nossos investimentos e aprofundamentos acadêmicos, retomada dos estudos:

“Acabo de ler o livro ‘A educação para além do capital’, de Mészáros, e um dos pontos centrais do livro aponta a importância da constituição de uma contraconsciência caracterizada por um outro modo de internalização que não a que é propagada pelos ideais mercantilistas que operam pelo lucro, competição e individualismo. Esta contraconsciência aponta também para o que ele designa ‘transcendência positiva da alienação do trabalho’ em que se resgata uma relação de sentido entre trabalho e vida: ‘O Homo faber não pode ser separado do Homo sapiens’ (pág. 49)” (JM, cursista).

“Escrevo este parágrafo porque minha participação foi marcada por uma dupla possibilidade: ser aluno e ser profissional. Quero afirmar que a relação de trabalho

que pude desenvolver foi atravessada por uma experiência de reflexão. E que importante se pudéssemos propagar e experienciar ainda mais este modo de encarar o trabalho e o processo educacional” (JM, cursista).

“Eu gostaria muito de ter a chance de cursar uma pós. Será que haveria alguma intermediação da equipe do Audiovisualidades? Foram tantas experiências que me sinto renovada e preenchida pela vontade de continuar meus estudos! Ontem, foi um dia incrível! Que show de informações e detalhes doados ao nosso grupo” (LP, cursista).

As dificuldades, problemas do curso relatados:

- Espaço inadequado para execução das atividades técnicas, o curso não cumpriu a proposta prática (criação de um material audiovisual):

“Minha avaliação do curso é boa. Os palestrantes foram ótimos, local de realização do curso é muito bom, os assuntos interessantes, o tempo de realização ideal. A prática foi pouca. A minha expectativa era de que trabalharíamos mais concretamente” (CCL, cursista).

“Sugestões para a equipe: uma sala em que pudéssemos ter mesas para escrever, fazer as atividades e cadeiras que possam ser manejadas para os trabalhos em grupo; mais trabalhos práticos; "coparticipações" em alguns temas; algumas atividades online para os sábados em que não há aula presencial” (LP, cursista).

“Gostei bastante da maneira como foi a apresentação e das dinâmicas. Quanto às minhas expectativas, esperava apenas que houvesse mais atividades práticas” (CC, cursista).

“Senti falta de ser oportunizada às práticas relacionadas a parte mais tecnológica de meu interesse inicial” (VO, cursista).

- Carga horária insuficiente para aprofundar o proposto pelo curso, dia inadequado:

“A carga horária poderia ter sido maior, com mais encontros com os mesmos professores, para que aprofundássemos as discussões [...] Todos os filmes apresentados possibilitaram reflexões importantíssimas assim como os textos propostos ampliaram meu repertório de leitura e conhecimento” (ACVN, cursista).

“Conteúdo muito bom! O tempo que achei um pouco curto... se fosse durante a semana, dando declaração ao professor acho que iriam mais professores!” (VSC, cursista).

CONCLUSÕES

O curso “Audiovisualidades e Formação de Professores: leitura e produção” representou um momento de resistência dos profissionais da educação do Rio de Janeiro às mazelas da orientação política do governo do estado no ano de 2016, especialmente quanto à educação. Apesar de todos os impedimentos de ordem prática, logística, administrativa, funcional e financeira, os profissionais envolvidos no empreendimento fizeram do curso um espaço de exercício analítico sobre a conjuntura nacional, para

suportar e superar as perplexidades que atravessavam a todos; de apoio mútuo e de defesa à manutenção da profissão docente; de reforço à compreensão, há muito disseminada, mas pouco elaborada, do *modus operandi* dos grandes meios de comunicação.

Esse que era o foco do curso, acabou atravessado pelas temáticas trazidas pelos professores e ressignificado pelos debates e análises, nos quais nossa realidade político-social invadia demandando entendimento. O caráter democrático do fazer-saber do grupo ocupou seu espaço e mobilizou o grupo na efetivação das permutas entre a universidade, a escola básica e o espaço de formação representado pelo Museu da República, fortalecendo a parceria institucional e formativa.

O curso operou na promoção do desenvolvimento sociocultural ao integrar pessoas e instituições distantes, encarnando as proposições mais caras das políticas extensionistas defendidas pelas universidades.

No que diz respeito aos professores, é incontestável as contribuições formativas experimentadas pelo grupo, o que compele validar a experiência a despeito das carências quanto ao aprofundamento dos processos da prática audiovisual. O que de mais importante ficou foi o diálogo estabelecido entre a universidade e setores da sociedade, como no presente caso, educadores e educandos da área da Educação, em especial na interação em mão dupla do Ensino Básico com a Universidade. Instituições que guardam, protegem e exibem os elementos significativos da história local, graças aos seus profissionais e também àqueles em formação, por meio do diálogo aberto e digno, que se espera, seja sempre transformador.

SUBMETIDO EM: 16 mar. 2019

ACEITO EM: 14 fev. 2021

REFERÊNCIAS

[BAKHTIN, Mikhail](#). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

[BÉVORT, Evelyne](#); [BELLONI, Maria Luiza](#). Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2021.

[BRASIL](#). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>. Acesso em: 23 mar. 2021.

[CORTES, Tansse Paes Bóvio Barcelos](#); [MARTINS, Analice de Oliveira](#); [SOUZA, Carlos Henrique Medeiros](#). Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases Scielo e Scopus. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, e200391, 2018. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100183&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 mar. 2021.

[HALL, Stuart](#). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

[MARTINS, Ligia Márcia](#). **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção de conhecimento da Universidade**. Bauru: UNESP, 2011. Disponível em:

http://www.umcpos.com.br/centraldoaluno/arquivos/16_09_2011_134/Ensino_pesquisa_e_xtensao_como_fundamento_metodologico_da_construcao_do_conhecimento_na_universidade.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

[SOARES, I.](#) Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. *In*: LIMA, João Cláudio Garcia R., MELO, José Marques (org.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: 2012/2013: memória**. v. 4. Brasília: Ipea, 2013. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_panorama_da_comunicacao_v4.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

[SOARES, I.](#) Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. **Comunicação & Educação**, v. 23, n. 1, p. 7-24, 7 jun. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/144832/140322>. Acesso em: 23 mar. 2021.